

## EDUCAÇÃO SEXUAL E CONTEMPORANEIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO.

Patrícia Formiga Maciel Alves<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo traz um relato de experiência de uma disciplina obrigatória ministrada no curso de Especialização em Psicopedagogia na UPE - Mata Norte sobre Educação Sexual na Contemporaneidade. A disciplina ocorreu nos meses de março e abril de 2021, no modelo de aulas remotas/on-line, em razão da pandemia de COVID-19. A turma era composta por 21 alunos/as, sendo 20 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Com exceção de 1 aluno que também era psicólogo, todas as demais alunas atuavam na educação, tendo formação em Pedagogia. A referida disciplina tinha o objetivo de trazer à compreensão o debate sobre educação sexual, abordando temas como gênero e sexualidade, desafios da educação sexual, um breve histórico da educação sexual no Brasil, os direitos sexuais, equívocos e polêmicas em torno das questões de gênero e sexualidade, a construção escolar das diferenças, entre outros. Ao apresentar o programa da disciplina, um fato nos chamou atenção: a total ausência de conhecimentos dos alunos/as sobre o tema “educação sexual”. Ao longo da disciplina, foi possível problematizar algumas “verdades” sobre educação sexual, bem como trabalhar a educação para o reconhecimento da diversidade sexual. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo relato de experiência para evidenciar as vivências formativas dos alunos sobre gênero e sexualidade. Na percepção dos alunos/as, trabalhar sexualidade e gênero nas escolas ainda é um tabu. Reafirmamos a importância de incluir esta temática no currículo de formação de professores, a nível de graduação. Esta disciplina contribuiu de forma a preencher uma lacuna deixada pela licenciatura, mas sabemos que só um componente não resolverá a questão, ou seja, não dará conta de capacitar estes profissionais da educação, sendo necessário contar com programas educativos que problematizem as questões e busquem superar o senso comum. Como resultado, a disciplina permitiu mobilizar os educadores/as para práticas pedagógicas de enfrentamento a preconceitos e discriminações por orientação sexual, elucidando questões sobre gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Educação Sexual; Contemporaneidade; Sexualidade, Gênero.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia - UFPB. Professora adjunta da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte.

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz um relato de experiência de uma disciplina obrigatória ministrada no curso de Especialização em Psicopedagogia na UPE - Mata Norte sobre Educação Sexual na Contemporaneidade. A disciplina ocorreu nos meses de março e abril de 2021, no modelo remotas/on-line, em razão da pandemia de COVID-19. A turma era composta por 21 alunos/as, sendo 20 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Com exceção de 1 aluno que também era psicólogo, todas as demais alunas atuavam na educação, tendo formação em Pedagogia. A referida disciplina tinha o objetivo de trazer à compreensão o debate sobre educação sexual, abordando temas como gênero e sexualidade, desafios da educação sexual, um breve histórico da educação sexual no Brasil, os direitos sexuais, equívocos e polêmicas em torno das questões de gênero e sexualidade, a construção escolar das diferenças, entre outros. Ao apresentar o programa da disciplina, um fato nos chamou atenção: a total ausência de conhecimentos dos alunos/as sobre o tema educação sexual. Ao longo da disciplina, foi possível problematizar algumas “verdades” sobre educação sexual, bem como trabalhar a educação para o reconhecimento da diversidade sexual.

É preciso registrar que é quase um tabu falar de educação sexual no Brasil nos últimos quatro anos, o que parece resultar de um cenário político conservador e ao mesmo tempo representa um retrocesso dado que a abordagem sobre educação sexual foi introduzida no Brasil há quase um século, como nos revela Goldberg (1984) que em 1930 já constava no currículo, de uma escola no Rio de Janeiro. Quase sempre esse processo foi bastante conturbado, e esbarrava em obstáculos vindo em sua maioria da Igreja Católica.

Werebe (1978, *apud* Figueró, 2007) comenta uma série de tentativas de implantação da Educação Sexual no Brasil, destacando a década de 60 como bastante favorável aos programas, que mereceram apoio de alguns parlamentares, educadores e intelectuais, mas suscitaram reações de oposição em meios mais conservadores. Estamos na segunda década do século XXI, então porque ainda há tantos obstáculos para esta temática da educação sexual? Quando vamos encarar a sexualidade como mais um item tão fundamental da educação? Quando vamos compreender Educação Sexual integrada à Educação geral? Na verdade, desde que o MEC, em 1997, oficializou os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) que consoante com a LDB nº

9.394/96 consideram que a orientação sexual é um tema social e urgente, e por isso precisa ser abordado no currículo do Ensino Fundamental, esperava-se um movimento das instituições (escolas, universidades) para capacitarem seus professores para abordagem deste tema de forma ética e científica. Tal ação fortaleceria as escolas que vêm, desde o início dos anos 90, tentando educar seus alunos nas questões relativas à sexualidade.

O tema da educação sexual vem se destacando nos meios de comunicação e nas redes sociais, fato que chama atenção para a responsabilidade da família e da escola em oferecer este tipo de educação para seus filhos e alunos. Tal temática deve fazer parte do cotidiano escolar, pois é proposta pelos documentos pedagógicos oficiais, além de ser um tema em evidência na sociedade atual. Desse modo, a escola não pode se eximir desta tarefa, deixando-a apenas a cargo da família. Sabe-se que a escola historicamente deseja existir como uma instituição à parte, deixando tudo que pode “causar polêmica”, ou “não seria da sua competência” do lado de fora, assim acontece com as questões de bullying, racismo, homofobia, entre outros (Louro, 2007).

O profissional da educação, ao se deparar com questões que envolvem a sexualidade, deve estar habilitado a abordar e tratar a temática de forma reflexiva, livre de preconceitos, tabus e crenças, com uma linguagem científica, a fim de superar o senso comum. Também se espera que as instituições de Ensino Superior ensinem a relativizar questões envolvendo o “diferente”, combatendo o etnocentrismo, a discriminação racial, de orientação sexual ou de identidade de gênero. Como consequência, teremos um docente apto para trabalhar as questões da sexualidade junto aos discentes de forma problematizadora, numa postura crítica, na busca da formação para a cidadania e emancipatória do indivíduo (Vencato, 2013).

É justamente isso que não está acontecendo nas universidades. Neste relato de experiência, me deparei com esta lacuna à nível de formação inicial, ou seja, de licenciatura. Foi somente no nível de especialização que a turma teve contato com o tema da educação sexual.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo relato de experiência para evidenciar as vivências formativas dos alunos sobre gênero e sexualidade. Entende-se por

pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2012), aquela que busca compreender e pôr em exercício o entendimento das contradições para apreender as relações conflituosas e contraditórias, pelos efeitos das relações de poder, das relações sociais de produção das desigualdades sociais e dos interesses. Ou seja, nossa intenção com essa escolha metodológica foi a possibilidade de compreender como os sujeitos vivenciaram e significaram as experiências proporcionadas pela disciplina Educação Sexual e Contemporaneidade.

O curso de especialização em Psicopedagogia é oferecido na UPE (Campus Mata Norte), na modalidade presencial. Foi criado em 1998. Acontece aos sábados, tem duração de 15 meses, totalizando 415h, e se define como um curso que está focado em condições institucionais, transtornos e dificuldades de aprendizagem (gerais em letramento, alfabetização e matemática), conta com auxílio da neuropsicologia e do interacionismo na aprendizagem; interdisciplinaridade; ludicidade e brinquedoteca; fundamentos teóricos do ensinar; educação sexual; pesquisa social. Oferece subsídios para melhorar e aprofundar a prática educativa a partir das contribuições teóricas e práticas da Psicologia à Pedagogia.

Na sua grade de disciplinas encontramos: História das Teorias Pedagógicas, Psicopedagogia, Metodologia da Pesquisa Social, Teorias Interacionistas da Aprendizagem, Educação Sexual e Contemporaneidade, Interdisciplinaridade e a Educação, Didática de Ensino Superior: Visão Dinâmica, Problemas da Aprendizagem Escolar, Seminário de Monografia e Monografia.

Em seus objetivos, esta especialização declara possibilitar aprofundamento de saberes e produção do conhecimento, através das aulas, seminários, workshop e ateliês. O Público alvo são os graduados – profissionais de Educação, Psicologia, Gestão Educacional e de Pessoas, e áreas afins, que lidam diretamente com a docência ou com atividades que visam o desenvolvimento humano.

Sob a coordenação da professora Odaléa Feitosa fomos convidadas a ministrar a disciplina Educação Sexual e Contemporaneidade, que foi ministrada no modo remoto entre os meses de março, abril e maio de 2021.

A turma que lecionamos era composta por 22 alunos, era majoritariamente feminina, sendo 21 alunas do sexo feminino e apenas 1 aluno do sexo masculino. Todos demonstraram interesse no conteúdo que seria ministrado, uma vez que era novidade para eles, já que não trabalharam com isso nos seus cursos de origem.

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

As questões em torno da sexualidade no contexto escolar se intensificaram a partir de 1997, devido a introdução dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, (Brasil, 1997, 2001); dentre eles se destaca a orientação sexual que concebe os aspectos referentes à sexualidade e às questões de gênero. A educação sexual se torna necessária nas escolas, não só por se apresentar enquanto tema transversal, mas por ser relevante perceber que o desenvolvimento pleno do indivíduo, como ser humano e cidadão também passa pela sua vida acadêmica, e essa é a questão mestra necessária para discussão do tema da sexualidade e a implantação da temática, principalmente nos cursos de formação docente, objetivando desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos e firmar-se como algo ligado ao prazer e à vida.

É preciso preparar o adulto de hoje, que não sabe o que é educação sexual porque não a teve no curso de seu desenvolvimento. A preparação de professores é algo imprescindível, precisamos de um número de pessoas capacitadas, que se encarreguem de trabalhar a nível de alunos, de pais e da comunidade, num processo gradativamente crescente. Com a preparação de professores haverá possibilidade, ainda que a longo prazo, de se educar adequadamente as novas gerações na área da sexualidade. É consenso que os educadores e pesquisadores concordem sobre a necessidade de Educação Sexual feita pela escola e de forma planejada (Fagundes, 1993).

A sexualidade está presente nos diferentes espaços, incluindo as escolas de nível superior, sendo necessário repensar a educação sexual com planejamento, implementação e avaliação de conteúdos curriculares ou eixos temáticos voltados aos direitos sexuais reprodutivos e valores humanos, para que contribua com a formação de profissionais solidários e responsáveis, na busca de uma sociedade mais justa, humana e igualitária. A Orientação Sexual, preconizada pelos PCNs, diante da prática da transversalidade entre as disciplinas, propõem diretrizes teóricas e pedagógicas que destaca a formação integral do educando envolvendo as diversas áreas do conhecimento e assim, vislumbra a emancipação do indivíduo, objetivando perceber a sociedade em seus diversos aspectos: social, político, econômico e cultural (Montrone e Oliveira, 2004).

Ribeiro (2008, p. 2) adverte sobre a formação dos educadores:

[...] como os professores e demais profissionais que lidam com crianças e jovens têm um papel fundamental no processo de aquisição de conhecimentos e valores por parte de seus alunos, é essencial que também estes educadores tenham um espaço onde possam se formar como orientadores conscientes e capazes de indicar caminhos e escolhas que tornem a vida do indivíduo menos traumática, com menos culpa e ansiedade, com menos preconceitos e desinformação.

Diante do exposto, a formação docente sobre sexualidade é fundamental, uma vez que a escola tem papel preponderante na formação de educandos, ainda sendo o único meio de informação consciente e precisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciamos a disciplina com o texto de McLURKIN, Denise (2015), traduzido por Alexandre Salvaterra “Questões Sociais desafiadoras na Escola: guia prático para os professores”, dando destaque ao capítulo 7 “Identidade de gênero” e ao capítulo 8 “Orientação Sexual”. A importância desses textos é que eles trazem questões que nós professores encontramos cotidianamente nas nossas escolas: descrevem diversos casos, como uma criança que sofre bullying por se vestir de forma diferente do seu sexo biológico, sendo discriminada também pelo profissional da escola, outra criança cujo pai disse que ela iria para o inferno caso voltasse a usar o lápis de cor roxa, outra que ao ler uma biografia de um ídolo se declara gay, e diz que gosta do ídolo por essa razão, sendo discriminada também por isso, e ainda apresentam a situação de uma criança que convida seus colegas para seu aniversário, mas acaba sendo rejeitada por estes colegas cujos pais proíbem de ir a festa, uma vez que as mães da aluna são “sapatão”.

A partir dessas situações, problematizamos: como nós professores nos comportaríamos? Os alunos da especialização então começaram a falar que se sentiam despreparados para lidarem com essas ocorrências em sala de aula. Eles desconheciam temas como identidade de gênero, direitos sexuais, diferença entre orientação sexual e sexo biológico, entre outros. Sentimos neste momento a extrema importância desses conteúdos serem abordados de forma científica e livre de crenças religiosas.

A primeira unidade da disciplina, chamada de educação sexual, continha temas como: Histórico da Educação Sexual no Brasil, Direitos Sexuais, Gênero e Sexualidade, Equívocos e polêmicas em torno das questões de gênero e sexualidade. A unidade II foi intitulada - Pensar a sexualidade na contemporaneidade, trabalhou os seguintes conteúdos: A construção escolar das diferenças, Práticas educativas feministas: proposições e limites, Educar na diversidade.

As avaliações ocorreram da seguinte forma: atividades no Google Classroom como *quiz* sobre temas trabalhados, fichamentos e um trabalho sobre estratégias de ensino de educação sexual nas escolas. Em um dos trabalhos observamos a preocupação do grupo com a linguagem inclusiva de gênero, e o total entendimento da necessidade de preparação que o tema exige, vejamos:

As famílias e as instituições de ensino têm o papel de trazer discussões sobre sexualidade com a criança e o (a) adolescente. E a eficácia desses debates depende de um trabalho conjunto entre pais ou responsáveis e a escola, culminando no desenvolvimento pleno e saudável dos (as) estudantes. O governo e o estado devem auxiliar ambas as partes, pois é uma tarefa árdua para o (a) educador (a) enfrentar o preconceito e a ignorância das pessoas, que precisam enxergar a sexualidade como um aspecto fundamental da vida humana. Sendo assim, quando a família e a escola não se comunicam de forma transparente e ativa, cria-se uma barreira ainda maior para a realização da Educação Sexual em sala de aula. Dessa maneira, cabe ao (a) educador (a) de qualquer área de ensino realizar várias atividades de Educação Sexual, tornando as aulas transversais, dinâmicas e atrativas. A execução de práticas educativas para o entendimento do próprio corpo, a prevenção de abusos sexuais, a proteção contra a gravidez na adolescência, entre outros assuntos, poderá proporcionar mudanças de atitudes nas crianças e nos (as) adolescentes e em seus (as) responsáveis. Também é preciso que a escola se posicione junto aos profissionais da saúde para abordarem o assunto com mais clareza e objetividade, a fim de promoverem o discernimento de escolhas e o conhecimento na vida dos (as) discentes.

Um outro grupo apresentou essas estratégias de ensino sobre educação sexual na Educação Infantil, com bastante ênfase na educação sexual como prevenção ao abuso sexual, sugerindo vários livros que abordam este tema. Foram eles: Pipo e fifi, da autora Caroline Arcari, publicado em janeiro de 2018 pela editora CAQUI. Não me toca, seu boboca, livro da editora Aletria, publicado em novembro de 2021, e escrito por Andrea Viviana Taubman, e o último Mão boa, e a mão boba, de janeiro de 2016, pela editora Ramalhete, de autoria de Renata Emrich.

Este grupo trouxe a contribuição de Figueiró (2007) quando exemplifica que, de acordo com os PCNs, a educação sexual no Ensino Fundamental pode ser incluída na sala de aula de duas formas: a) “dentro da programação”: o conteúdo de sexualidade proposto é organizado, planejado e dividido entre os professores de cada série. b) como “extra-programação”: todo e



qualquer professor, sem planejamento prévio, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente, para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade, ou transmitir uma mensagem positiva sobre a mesma; aproveita, enfim, para educar sexualmente (Brasil,1998; Figueiró, 2007, p. 3).

Algumas sugestões de estratégias para abordar o tema da educação sexual seriam: Contação de histórias com fantoches a partir do livro “Faca sem ponta, galinha sem pé” de Ruth Rocha. Explorar o livro por meio das seguintes questões: “Por que Joana não podia brincar de bola com os meninos e nem subir em árvore? Por que Pedro não podia chorar? Por que menina tem que ser boazinha e delicada? Como você se sentiria se fosse impedido de entrar em uma brincadeira? E agora, existem brincadeiras que sejam só de menino e só de menina?”.

Pelo exposto, foi notória a dedicação e empenho da turma em se apropriarem de um tema até então desconhecido.

## CONCLUSÃO

Na percepção dos alunos/as, trabalhar sexualidade e gênero nas escolas ainda é um tabu, esbarrando em desaprovação da família por questões religiosas, ou falta de preparo da gestão e dos professores para assumir esse tema tão importante na formação dos indivíduos. Mesmo cientes dos desafios de se trabalhar este tema que envolve educação sexual, reafirmamos a importância de incluir esta temática no currículo de formação de professores, a nível de graduação.

Esta disciplina contribuiu de forma a preencher uma lacuna deixada pela licenciatura, mas sabemos que só um componente não resolverá a questão, ou seja, não dará conta de capacitar estes profissionais da educação, sendo necessário contar com programas educativos que problematizem as questões e busquem superar o senso comum. Como resultado, a disciplina permitiu mobilizar os educadores/as para práticas pedagógicas de enfrentamento a preconceitos e discriminações por orientação sexual, elucidando questões sobre gênero e sexualidade.

## REFERÊNCIAS



BARROSO, C. Educação sexual: debate aberto, Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

BERNARD, M. A deseducação sexual. São Paulo: Summuss Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 4 ed., 2020. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei\\_diretrizes\\_bases\\_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 29 set. 2021.

COLLING, L. Gênero e Sexualidade na atualidade. Salvador, UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à distância, 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo a história da educação sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. Nuances, v. IV, p. 123-133, 1998.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço escolar. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p.171.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOLDEBERG, M. A. A. Educação Sexual – uma proposta, um desafio, Rio de Janeiro: Amanda, 2012.

LOURO, G L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

LOPES, F. Para entender a sexualidade, São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MATARAZZO, M. H. Educação sexual nas escolas. Edições Paulinas, São Paulo, 2010.

McLURKIN, D. Questões Sociais desafiadoras na Escola: guia prático para os professores. Alexandre Salvaterra (tradução) Porto Alegre, 2015.

MICHETTI, M. Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, 2020.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 3, p.621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMf/?lang=pt#>. Acesso em: 15 out. 2021.



TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VENCATO, A. P. Diferenças na Escola. In.: MISKOLCI, R; LEITE JÚNIOR, J. (orgs.). **Diferenças na Educação: outros aprendizados.** (p.19-56). São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.